Fragmentos da História: o Uso da Fotografia para a Recuperação e a Preservação da Memória de Londrina[1]

Maria Luisa Hoffmann[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo origina-se de uma pesquisa que visa recuperar aspectos pouco conhecidos da história de Londrina**,** entre 1930 e 1950**,** por meio de pesquisa bibliográfica e de campo realizada junto aos primeiros habitantes da região. A análise de documentos fotográficos da época, associada à técnica da história oral, possibilita a obtenção de dados relevantes para a interpretação histórica. Os registros imagéticos são apresentados durante as entrevistas, e nesta linha, pretende-se decifrar - segundo metodologia de desmontagem das imagens fotográficas, proposta por Boris Kossoy - as múltiplas realidades implícitas nos documentos de forma a produzirem sentido. Na reunião dos relatos e histórias individuais e coletivas espera-se preencher lacunas na história da cidade bem como contribuir para fixação de sua memória no período assinalado.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; história de Londrina; história oral; memória.

INTRODUÇÃO

Este artigo, que apresenta resultados da dissertação da autora, pretende investir no procedimento metodológico que utiliza a fotografia – aliada à história oral - durante entrevistas, como acionadora de lembranças, de forma a contribuir para a sua sistematização e eventual utilização em futuras pesquisas da mesma natureza.

A proposta central desta pesquisa nasceu em 2008 na Universidade Estadual de Londrina (PR), quando professores e alunos do curso de Comunicação Social observaram, ao entrevistar pioneiros[3] da cidade para seus estudos, que uma fotografia apresentada ao depoente enriquecia sobremaneira a narrativa.

Para constatar sua eficiência - um dos objetivos do estudo, o método será aplicado na própria cidade de Londrina, e para este artigo foi selecionada uma imagem do

[1] Trabalho apresentado no GP de Fotografia, no XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Especialização em Fotografia da Universidade de Londrina (UEL). Docente na Graduação em Comunicação Social da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: maluhoffmann@usp.br.

[3] O termo pioneiro, utilizado neste trabalho, não tem nenhuma conotação de exaltação. Segue orientação do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, que estipulou que o termo só pode ser atribuído a quem nasceu ou chegou à cidade até o dia 31 de dezembro de 1939.

período da colonização da cidade (décadas de 1930 a 1950), apresentada a uma pioneira. Num segundo momento, o registro imagético é trabalhado por meio da análise técnico-iconográfica[4] e a interpretação iconológica[5], que devem levantar informações imprescindíveis para a compreensão histórica.

Pretende-se, com o procedimento, recuperar micro-histórias e construir um mosaico de memórias sobre o surgimento e o desenvolvimento da cidade. Peças perdidas, que depois de recuperadas, começavam a trazer sentido a trechos embaçados da história.

Acredita-se, assim como o faz Le Goff (1990, p. 467), que a fotografia revoluciona a memória, multiplica-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. Ao final da pesquisa, assim como está sendo feito ao longo dela, pretende-se publicar e disseminar os resultados obtidos, descobertas ainda não mencionadas na história oficial (em construção), com o intuito de estimular a associação entre fontes orais e imagéticas e democratizar as informações obtidas sobre a história de Londrina, consolidando sua memória.

A NOVA HISTÓRIA E A MICRO-HISTÓRIA

De acordo com Nova (2000, p. 142), até o início do século XIX, a história ainda não se constituía em uma ciência de tipo clássico, com corpo teórico e métodos de investigação claramente definidos. Com a afirmação do Positivismo, ascendeu ao estatuto de ciência e ao historiador foi atribuída a função de recuperar os fatos da possibilidade do esquecimento.

No início do século XX, um movimento de renovação teórico-metodológico tomou corpo nas Ciências Sociais, culminando no desenvolvimento de uma nova corrente historiográfica: a Nova História, a partir da qual os pesquisadores voltaram suas preocupações para o homem comum e sua experiência, que até então ficavam à margem da história oficial. Nesse mesmo período de renovação epistemológica, surgiram outros campos de estudos: a micro-história, a história da vida cotidiana e a história das mentalidades.

[4] Segundo conceito de Kossoy trata-se da Investigação sobre o artefato fotográfico ou sua imagem reproduzida, o visível da representação.

[5] Esclarece o mesmo autor que se trata da busca da realidade interior do documento, o oculto da representação, onde encontramos seu significado.

Na corrente da micro-história, a escala de observação dos objetos e do homem é reduzida do macro para o micro, fugindo das generalizações, buscando a apreensão de aspectos que passariam despercebidos em escalas macroanalíticas ou nas formulações gerais, mais abstratas. Nessa perspectiva, a pesquisa histórica deve dialogar com outras áreas do conhecimento utilizando outras fontes além dos documentos oficiais, como imagens, escritos, relatos, dados e fenômenos aparentemente marginais, que muitas vezes no desenrolar do processo acabam por ter sua importância demonstrada. As fontes são exaustivamente exploradas para a construção da narrativa, que muitas vezes dá voz ao homem comum.

A partir dessas novas perspectivas, o entendimento do que seriam objetos históricos se amplia, e Ginzburg (1989, p. 57) defende que até mesmo uma pintura, por exemplo, pode ser "significativa para o historiador, por testemunhar determinadas relações culturais", isso porque, através da arte, é possível analisar um clima mental que permeia um período. Ele defende ainda que o historiador deve estabelecer conexões, relações, "paralelismos que nem sempre são *diretamente* documentados, isto é, são na medida em que se referem a fenômenos surgidos num contexto econômico, social, político, cultural, mental". (GINZBURG, 1989, p. 73).

As narrativas dos personagens e a revelação de fatos que até então passariam despercebidos, permitem complexificar o aspecto social, contextualizar e reconstituir a visão da época, e situa o sujeito como protagonista do processo, sem perder de vista outros dados que se relacionam e compõem uma trama histórica.

HISTÓRIA ORAL

O testemunho oral daqueles que vivenciaram os fatos começou a ser reconhecido no meio acadêmico a partir da década de 1940, quando a moderna história oral tomou corpo com os sociólogos da Escola de Chicago. A partir desse marco, diferentes tendências se delinearam.

No Brasil, a história oral ganhou definição a partir de 1979, tendo maior desenvolvimento a partir de 1983, com a redemocratização do país. Por História Oral entende-se registro da história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem.

Desde seu surgimento, a história oral recebe críticas, principalmente dos historiadores tradicionais, que apontam que a memória é construção, distorcida pela velhice, por isso não é digna de crédito como fonte histórica. Em sua defesa, os historiadores orais argumentam que as fontes documentais escritas não são menos seletivas ou tendenciosas. Para Bosi (2003, p. 15) a história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios.

Para Meihy (1996, p. 13), "a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos". Pode ser utilizada como técnica, dependendo do tratamento que o pesquisador dá às informações obtidas por fontes orais. "É método quando os depoimentos são o foco principal do trabalho", e é técnica quando "[...] articula diálogos com outros documentos." (MEIHY, 1996, p. 145).

As lembranças, rememoradas nos depoimentos, são, para Halbwachs (2004, p. 71), reconstruções do passado com ajuda de dados emprestados do presente, que sofreram influências ao longo do tempo. Quando recorda e revisita sua história, o sujeito a reinterpreta, e as mudanças do mundo e do homem exigem novas investigações.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Este artigo trata de uma fotografia de Londrina da década de 1930 a 1950, apresentada a uma pioneira da cidade, entrevistada em profundidade com a técnica da história oral. Essa imagem e entrevista são analisadas e interpretadas visando construir um mosaico de informações e microrrelatos, e levantar informações sobre a história da região, de recente colonização.

Fotografia *é* memória e com ela se confunde. (KOSSOY, 2012, p. 168). Na concepção da nova história cultural, ambas são objetos da pesquisa histórica e devem ser utilizadas em trabalhos científicos de maneira criteriosa.

Através da representação imagética, os microaspectos do mundo passam a compor a trama histórica, e as memórias e micro-histórias que trazem implícitas são revisitadas. A fotografia faz refletir sobre o passado, "dá a noção precisa do microespaço e tempo representados, estimulando a mente à lembrança, a reconstituição, a imaginação". (KOSSOY, 2012, p. 169).

Para que seja amplamente explorada, após o exame técnico-iconográfico e sua utilização na entrevista, a fotografia selecionada é analisada iconográfica e

iconologicamente, seguindo as diretrizes propostas por Panofsky e desenvolvidas por Kossoy em sua obra.

Em seus estudos sobre a arte, Panofsky (1982, p. 28) apontou que é necessário distinguir três níveis de conteúdo ou significado na imagem. O primeiro, "mais baixo", é aquele percebido por meio da análise pré-iconográfica, que se confunde geralmente com a forma. O segundo é o campo da iconografia, e:

> em qualquer dos níveis em que nos movamos, as nossas identificações e interpretações dependerão da nossa bagagem subjetiva e, por essa mesma razão, terão de ser corrigidas e controladas por uma grande consciência dos processos históricos que, no seu conjunto, se podem designar por tradição. [...] De modo que, quando trabalhamos, os métodos de tratamento que aqui aparecem como três formas independentes de investigação misturam-se entre si num processo orgânico e indivisível. (PANOFSKY, 1982, p. 28).

O terceiro nível é o da iconologia, alcançado quando a interpretação extrapola os limites da imagem, indo para além do representado. Segundo Burke (2004, p. 45), o terceiro nível é o principal e se distingue da iconografia pelo fato de se voltar para o significado intrínseco. Ou seja, os historiadores precisam da iconografia, porém devem ir além dela.

O nível iconológico pressupõe o estudo abrangente do contexto cultural e histórico do objeto abordado, seus costumes e valores e, para Ginzburg (1989, p. 66), é o "sentido da essência", que pressupõe os outros dois níveis. A iconologia se detém na descoberta e interpretação dos valores simbólicos da obra, o significado intrínseco do conteúdo e sua intersecção cultural e social - filosófica, religiosa, política e econômica.

Para tanto, é necessário que o pesquisador possua uma "bagagem" para a interpretação, experiência prática, familiaridade com o objeto e com os temas e conceitos, além de ter conhecimento sobre as condições históricas nas quais foi produzido e o estilo da época nas manifestações culturais. As imagens só revelam seu significado "quando ultrapassam sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas". (KOSSOY, 2007, p. 147).

DIRETRIZES, AVANÇOS E DIFICULDADES

Com as pesquisas desenvolvidas até o momento, em municípios como Londrina, Cambé, Telêmaco Borba, Ivaiporã (PR) e Santa Mercedes, Assis e Piracicaba

(SP), foram observados procedimentos eficazes de abordagem dos entrevistados, diretrizes para a escolha de imagens e foram apontadas algumas dificuldades para análise e comparação das entrevistas.

O primeiro ponto a ser levantado é a idade avançada da maioria dos entrevistados. As regiões pesquisadas até o momento foram colonizadas entre as décadas de 1920 e 1940, e seus pioneiros têm entre 70 e 90 anos de idade, alguns, inclusive, com graves problemas de saúde, o que implica na urgência da realização das entrevistas.

É preciso levar em consideração que a narrativa é um processo de criação e seleção, carregado de imprecisões, e, com a idade avançada, a memória de alguns dos entrevistados mostra-se comprometida, sendo necessário realizar uma série de checagens das informações, principalmente de datas.

Na aproximação e abordagem, que pode ser realizada em um encontro anterior à entrevista, é necessário criar laços de amizade com a testemunha e

> criar um clima propício para a narrativa, ou seja, a pré-disposição para o depoimento evitando-se situações de desagravo, insegurança e tensão por parte de ambos os lados. Espontaneidade e confiança são condições mínimas para a obtenção de um testemunho rico em fragmentos de lembranças. (CARNEIRO, 1996, p. 275).

O tempo das entrevistas também pode variar, de acordo com a idade e o estado de saúde dos pioneiros. Alguns deles têm dificuldades para falar e lembrar fatos e acontecimentos, o que faz com que o tempo empregado na entrevista e o número de imagens apresentadas a cada encontro variem de uma pessoa para outra. Em todos os casos, dez foi o número limite de imagens e as entrevistas duraram no máximo 120 minutos. Depois desse período, mesmo com o auxílio do documento imagético, os indivíduos passam a falar pouco e de modo sucinto.

Mostrou-se eficaz a elaboração de um portfólio único para diferentes entrevistados, para facilitar a comparação e averiguação de informações, pessoas e locais fotografados. Esse conjunto de imagens deve conter, além de figuras representativas, registros de locais significativos como ruas de comércio, hospitais, hotéis, escolas, estabelecimentos públicos, lugares de vivência, nos quais o sujeito se reconhece como parte integrante da cidade, ou seja, lugares de pertencimento. Por isso, o interessante é que o estudo seja realizado em cada cidade, utilizando-se de suas imagens representativas e entrevistando seus primeiros moradores.

Nas pesquisas desenvolvidas, o roteiro de perguntas foi previamente elaborado apenas para obter informações sobre a biografia do personagem. Durante a apresentação das fotografias, suporte de memórias, os entrevistados tiveram a liberdade de contar histórias e ir além do fotografado. Coube ao pesquisador instigar essas memórias, questionando sobre lugares, nome de ruas, antigos moradores das casas, rostos anônimos, e para isso fez-se necessário um estudo prévio sobre as imagens integrantes do portfólio.

E se por um lado a pesquisa trata apenas de temas citadinos que foram "fotografáveis", ou seja, aquilo que se deu a ver, por outro lado as memórias dos personagens entrevistados vão além do visível na imagem fotográfica, e, por meio dos depoimentos e da análise iconológica, relações não documentadas são trazidas à luz, informações importantes para a contextualização do momento que se pretende pesquisar. "O próprio aparente se carrega de sentido na medida em que recuperamos o ausente da imagem." (KOSSOY, 2007, p. 156).

É importante observar que algumas testemunhas lembram inúmeras histórias que se desenrolam na memória por meio do registro imagético, enquanto outras citam apenas pessoas e locais fotografados, muitas vezes confundindo-os. As checagens de informações e revisitas aos entrevistados para averiguação de dados são necessárias em diferentes momentos da pesquisa, e é interessante notar que em diferentes encontros, as testemunhas rememoram diferentes histórias por meio de uma mesma imagem.

Esses e outros apontamentos estão sendo levantados pelos pesquisadores que utilizam a fotografia como suporte da memória, apresentando-a na abordagem às testemunhas da história em diferentes localidades. Nessas regiões, a maioria de recente colonização, as informações ainda podem ser obtidas em fontes primárias, com aqueles que vivenciaram a primeira realidade da cidade fotografada e que, por meio de imagens, revisitam e interpretam o passado, segunda realidade do documento visual. "Em cada foto e fato outros nomes irão surgindo, cobrando-nos uma revisão da história oficial. Este é o mundo fantástico da História Contemporânea, onde o pesquisador tem condições de ir às fontes e 'dialogar' com elas." (CARNEIRO, 1996, p. 280, grifo da autora).

O papel do pesquisador da história é de, na medida em que observa os elementos presentes no documento fotográfico, estabelecer relações, fazer conferências, questionamentos e conexões com o momento histórico no qual o artefato foi produzido, buscando sua finalidade, o contexto e local onde circulou e quem o produziu, ou seja, buscando aquilo que nem sempre é diretamente documentado.

AMÉLIA TOZZETTI E LONDRINA

Para exemplificar o procedimento descrito, faz-se necessário sua aplicação. Dessa maneira, foi selecionada uma pioneira de Londrina e feito um recorte temporal do período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) para a análise.

Amélia Tozzetti é historiadora, neta de italianos que chegaram ao Brasil em 1903. Ela tem 79 anos e mora em Londrina, para onde mudou com pais e avós em 1936. Por 32 anos foi secretária executiva da Associação Médica de Londrina e hoje está aposentada.

Foram respeitados períodos de pausas e incertezas da testemunha, muitas vezes revisitados em outros momentos da entrevista. Estes relatos, apesar de "forte natureza emotiva e carregados de juízos de valores, permitem recuperar parte da complexidade dos processos" (CARNEIRO, 1996, p. 270) que se desenrolavam naquele momento.

Para uma melhor compreensão das imagens e do momento histórico, será feito um breve relato sobre a colonização da cidade. Desbravada em 1929 e emancipada em 1934, Londrina recebeu durante a década de 1930 um grande contingente de imigrantes, principalmente alemães, italianos e japoneses. Entre 1925 e 1927, a então recém-criada Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), que pertencia a ingleses e era sediada em São Paulo, adquiriu 515 mil alqueires paulistas, o equivalente a 1.236 mil hectares – a maior parte no norte do Paraná. Com recursos financeiros e um programa de colonização organizado, em 1929 a CTNP deu início ao loteamento e povoamento da região. Os primeiros a chegar foram os japoneses, muitos deles atraídos pela propaganda de Hiroma Udihara, agenciador de terras, que buscava compradores da mesma nacionalidade no interior de São Paulo.

> No livro de vendas da CTNP, página 1, os primeiros compradores de lotes rurais registrados são seis japoneses: Massaharu Ohara, Massahiko Tomita, Toshio Tan, Mitsugi Ohara, Toshikazu Yamate, Moshim Yamazaki, procedentes de Santo Anastácio (SP), conduzidos por um funcionário da empresa, o agenciador e o motorista japonês de um Ford, em dezembro de 1929; apenas três meses, após a abertura da clareira que deu origem à cidade. (SCHWARTZ, 2004, p. 15).

Depois deles chegaram os alemães e italianos, além de grupos como portugueses, espanhóis e russos que também compunham a população, mas de modo menos representativo (Tabela 1). "Na expansão do café, em 1940, os italianos e seus descendentes

já se colocam em terceiro lugar no município de Londrina: 236 proprietários e 1,9 milhão de cafeeiros, sendo 3.404 trabalhadores." (SCHWARTZ, 2004, p. 23).

Número de lotes	Nacionalidade Compradores
1266	Brasileira
479	Alemã
476	Italiana
434	Japonesa
216	Espanhola
156	Portuguesa

Tabela 1 - Número de lotes vendidos pela Companhia de Terras Norte do Paraná entre 1930 e 1935, e nacionalidade dos compradores
Relatório de 1935 da CTNP, publicado no jornal *Folha de Londrina*, de 29 de abril de 1975, em artigo assinado por Antonio Vilela Magalhães
Fonte: Boni (2004, p. 63)

ANÁLISE DA IMAGEM E ENTREVISTA

A imagem a ser analisada é da Escola Alemã do Heimtal (Figura 1), inaugurada em 26 de julho de 1931. O Heimtal, que significava "vale da minha casa", foi o primeiro núcleo rural aberto pela Companhia de Terras Norte do Paraná em seus domínios, estava localizado a 8 quilômetros ao Norte da cidade, e ali se estabeleceram cerca de 120 famílias de alemães que adquiriram lotes de 5 a 20 alqueires, derrubaram a mata e começaram a plantar algumas culturas, principalmente o café.

O fotógrafo Theodor Preising (alemão de Hildesheim) tinha um ateliê em São Paulo e foi contratado pela Companhia de Terras para produzir imagens de Londrina que seriam divulgadas em outras localidades com a finalidade de atrair novos compradores e moradores para a região. Em uma de suas visitas a região, ele registrou a vida dos primeiros moradores, imagens que compõem um álbum com 56 fotografias que pertence hoje ao Museu Histórico de Londrina.

A fotografia, que não foi datada, faz parte desse uma sequência, e por meio do conjunto é possível apontar o possível ano da tomada da imagem: 1932, considerando que algumas das imagens contêm ano de produção. Na última página do álbum, organizado pelo pioneiro e guia George Craig Smith, é possível ler o cartão do fotógrafo e o nome da empresa para qual trabalhava: "Theodor Preising – Photo Rotativo - Fábrica de cartões postais ilustrados, SP Caixa Postal 2380".

Figura 1 – Escola Alemã Heimtal, possivelmente em 1932
Fotógrafo: Theodor Preising
Fonte: Reprodução digital de imagem do Acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss

A fotografia do álbum tem formato 7,5x13cm e o Museu Histórico de Londrina não tem informações sobre materiais ou equipamentos utilizados. Sabe-se que nos primeiros anos no Brasil, Preising trabalhou com a Voigtlander e um tripé trazidos da Alemanha, e na década de 1930 "era perito no manejo da 'Leica' e da 'Contax', aparelhos ainda de pouco uso no Brasil". (GRATIVOL, 2011, p. 55).

A documentação da escola foi perdida, sobretudo no período que foi chamada de Escola Alemã, e os documentos mais antigos encontrados na Secretaria da Educação do Município datam de 1959.

> [...] A Escola Alemã foi erguida pelos próprios moradores do lugar, que utilizaram o cedro, serrado a mão, em seis meses de trabalho. Inicialmente as aulas eram ministradas em alemão e os professores contratados pela comunidade, que também tratava de providenciar a moradia para o mestre e sua família. (MAIA, 1995, p.79).

O terreno foi doado pela CTNP e na imagem, além das crianças que frequentavam a escola, foram fotografados o Professor Richard Blumberg e sua sobrinha, Úrsula Blumberg, a primeira enfermeira do primeiro Hospital da Companhia, o "Hospitalzinho". De 1932 até 1938 ministraram aulas Alfredo Bauer e Edmundo Stack. Até meados da década de 40 foram docentes Fritz Glaser, Kischter, e Dona Helena. (MAIA,

1995, p. 79). E conforme o número de imigrantes alemães do Heimtal aumentava, a escola recebia mais alunos.

A Escola Alemã do Heimtal tinha carteiras longas que comportavam até seis alunos. Na imagem é possível observar que as 31 crianças fotografadas não têm a mesma idade, e provavelmente tem níveis de ensino diferentes. Porém, como a escola contava com apenas uma sala, os alunos de diferentes níveis, admitidos em qualquer época do ano, estudavam juntos.

Mais que um lugar de ensino, a escola era um local de convivência, visto que à noite se "transformava em salão de reuniões, palestras e bailes. Os lampiões a querosene iluminavam, o bandoneon entoava valsas e marchas, alegremente rodopiadas até o amanhecer do dia". (MAIA, 1995, p. 80).

A rigidez da disciplina, característica dos alemães, estava presente também no ensino. "A disciplina, a seriedade e o cuidado com o material escolar eram condições importantes e o desrespeito a essas normas resultavam em punições que variavam conforme o ato praticado." (MAIA, 1995, p. 79).

A diretoria da escola foi criada para recolher fundos para a sua manutenção, bem como para construção de igrejas e não possuía funções pedagógicas. Enquanto as sedes das igrejas não eram construídas, no local eram realizados cultos luteranos e missas católicas em domingo alternados.

Quanto ao clima durante o período da Segunda Guerra Mundial e com a fotografia em mãos, Amélia Tozzetti comentou sobre as alunas:

> Você vê, as alemãs eram meninas claras, então na minha escola, onde a gente estudava junto, elas apareciam bem, e aquelas que moraram fora, elas usavam um chapeuzinho branco, todo pespontado. Aqui falavam 'a criançada não vale nada, alemão é um bicho ruim'. Mas isso não é verdade, mas é porque você vê, em outros lugares em outras circunstâncias, essa animosidade é fomentada, tem sempre alguém para incentivar a discórdia. Com italiano não acontecia muito, mas por quê? Porque a quantidade de italianos era muito grande, se você pegasse no começo da cidade, era uma quantidade muito grande. (TOZZETTI, 2011).

No início, os próprios moradores que pagavam o professor da escola. A partir de 1939, o poder municipal se encarregou dos honorários do professor, mas no início da década de 40, devido à campanha de nacionalização que vinha sendo promovida pelo Governo Vargas desde 1938, que restringia o ensino em língua estrangeira, a escola foi fechada. O posicionamento do governo reforçava o sentimento de xenofobia e incentivava

reações como as descritas por Amélia Tozzetti. Quando foi reinaugurada em 3 de julho de 1945, a escola voltou a funcionar com o nome Escola Municipal Padre Anchieta, sob administração da prefeitura.

> Tanto os alemães como os japoneses tinham escolas na cidade, onde ensinavam suas línguas e tentavam manter certos hábitos e tradições. Não tinha em Londrina nenhum clube italiano, talvez porque eram menos apegados às origens ou por ter dificuldade de se agrupar. Na maior parte das famílias, o avô ou o pai eram italianos mesmo. A grande maioria não veio diretamente da Itália, então já estavam aculturados. Preservavam claro um pouco das raízes, mas já não era a mesma coisa e não formavam grupos. [...]. Os alemães foram pioneiros em alguns trabalhos como no leite, na produção de manteiga e se reuniram formando a Sociedade Escolar e Recreativa Alemã de Londrina em 1934, escola e clube ao mesmo tempo. Depois da proibição, o terreno foi confiscado pelo Estado e a escola fechada. Acho que depois de uns anos quando terminou a Guerra, alguns sócios conseguiram compensação financeira e abriram uma nova sede, hoje chama AREL [Associação Recreativa e Esportiva de Londrina, fundada em 1951]. (TOZZETTI, 2011).

Algumas particularidades são comuns aos imigrantes alemães em qualquer região que tenham se fixado, como certos sentimentos de sociabilidade, "tais como a forma de passar as horas de lazer após o trabalho, a organização de divertimentos profanos, festas religiosas, a fundação de escolas e associações, que assinalam a peculiar forma cultural da Europa central do 'apêgo ao passado' ".(AULICH, 1953, p. 70).

Além de fechar escolas com ensino em língua estrangeira, o governo mudou o nome de estabelecimentos e de algumas cidades vizinhas, como Rolândia e Nova Danzig, que passaram a ser chamadas de Caviúna e Cambé. Para impedir a aglomeração de indivíduos de uma mesma nacionalidade, o Governo instituiu o Decreto lei Nº 406 de 1938, que dizia:

> Nenhum núcleo colonial, centro agrícola ou Colônia, será constituída por estrangeiro de uma só nacionalidade. Em cada núcleo ou centro oficial ou particular, será mantido um mínimo de trinta por cento (30%) de brasileiros e o máximo de vinte e cinco por cento (25%) de cada nacionalidade estrangeira. Na falta de brasileiros, este mínimo, mediante autorização do Conselho de Imigração e Colonização, poderá ser suprido por estrangeiros, de preferência portugueses.[6]

A Campanha de nacionalização divulgava como objetivo diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira. Com a entrada do país na Guerra, as proibições do governo passaram

[6] Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero= 406&tipo_norma=DEL&data=19380504&link=s. Acesso em 23 nov.2011.

a abranger liberdades individuais. Em 1942, imigrantes precisavam de autorização para viajar dentro do país (Salvo Conduto), documentos, livros e revistas poderiam ser apreendidas e aqueles que conversassem em outras línguas poderiam ser presos.

> Lembro que meu pai e minha mãe tinham muito medo. Acompanhavam apreensivos os acontecimentos da Guerra. Meu pai viaja muito e para viajar no país e até mesmo no estado [pausa] era necessário o Salvo Conduto, um documento feito pela Delegacia de Polícia que permitia ir e vir, que estava restringido. Meu pai conseguiu o documento e voltou a viajar. [pausa] Nós também estávamos sujeitos à prisão se sintonizássemos alguma rádio estrangeira, com noticiários desfavoráveis ao regime. Se não me engano, os rádios eram registrados no Correio e seus proprietários eram responsabilizados se a lei fosse violada. Muitos casos de discriminação contra japoneses eram contados pela cidade e nem mesmo padres eram liberados [pausa] não se livravam de serem chamados quinta-coluna. Um palotino da Áustria que tinha forte sotaque alemão e as freiras [alemãs] do Colégio Mãe de Deus também sofriam constrangimentos. (TOZZETTI, 2011).

Em Londrina, esses imigrantes viveram momentos delicados, sob ameaça de retaliações, tendo que abandonar valores e costumes ligados à sua cultura de origem, como, por exemplo, o ensino na língua materna. O governo alimentou, por meio de um decreto lei, o preconceito ao combater as ligações que os imigrantes mantinham com sua cultura de origem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta primeira parte da pesquisa foi possível levantar informações sobre as perseguições sofridas pelos imigrantes alemães, italianos e japoneses no período da Segunda Guerra Mundial por meio do documento visual e da técnica da história oral. O governo alimentou, por meio de Decreto lei, o preconceito ao combater as ligações que os imigrantes mantinham com suas culturas de origem.

Com a desconstrução e análise da imagem fotográfica, aliada aos microrrelatos pessoais, um novo olhar sobre a história pode ser construído e enriquecido. Em cidades jovens como Londrina, essas informações ainda podem ser obtidas em fontes primárias e muitas delas ainda não são de conhecimento público.

O procedimento proposto, que vem sendo utilizado por pesquisadores da Universidade Estadual de Londrina, tem se mostrado eficaz para a obtenção de novas informações sobre fotógrafos, sobre a cidade, seus antigos moradores e edificações, ou seja, novas informações sobre o passado, resultando em uma releitura e lançando um novo olhar sobre a história dessas localidades.

Nas imagens da cidade do passado, os pioneiros revisitam os locais no plano imaginário, e descrevem costumes da época e como foi o convívio em sociedade. Além do valor documental, enquanto vestígio do passado, as fotografias foram e ainda são importantes para a consolidação da memória coletiva e para o sentimento de "ter feito parte", essencial na questão do enraizamento. Produtos de experiências, as imagens e seus elementos constituintes estão muitas vezes relacionados às histórias pessoais e familiares dos entrevistados, e auxiliam no processo de criação de explicações para os fenômenos concretos baseados em vivências, tendo importância assim na construção de suas identidades. Por meio do documento fotográfico a memória é perpetuada, revisitada e interpretada.

REFERÊNCIAS

AULICH, Werner. **Paraná und die Deutschen**: estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos. Grupo Étnico Germânico do Paraná. Curitiba, 1953.

BONI, Paulo César. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Histórias de vida dos judeus refugiados do nazi-facismo. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

DECRETO lei Nº 406 de 1938. Disponível em: http://www6.senado.gov.br/legislacao/ ListaNormas.action?numero= 406&tipo_norma= DEL&data=19380504&link=s. Acesso em 23 nov.2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRATIVOL, Kariny. **Viajante incansável:** trajetória e obra fotográfica de Theodor Preising. São Paulo: USP, 2011, 158p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. 2.ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Fotografia e História**. 4.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MAIA, Deise et al. **Memória e cotidiano:** cenas do Norte do Paraná, escritos que se recompõe**.** Londrina: MEC/SESU, 1995. (Cadernos do Patrimônio).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PADRE CARLOS WEISS. **Acervo fotográfico:** Londrina, 2011. 1 fotografia digitalizada.

NOVA, Cristiane. A História diante dos desafios imagéticos. In: **Projeto História- História e Imagem**, São Paulo, n.21, p. 141-162, nov. 2000.

PANOFSKY, Erwin. **Estudo de iconologia**: temas humanísticos na arte do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

SCHWARTZ, Widson. **O povo que fez e faz Londrina:** catálogo da exposição em homenagem aos 70 anos da cidade promovida pelo Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. Londrina: Midiograf, 2004.

TOZZETTI, Amélia. Entrevista concedida à pesquisadora na residência da entrevistada. Londrina: 12 out. 2011. (98’43”): gravação em áudio.